

## Santo António de Lisboa e de Pádua (Antonius Lusitanus), 13 de Junho

Um santo popular, um dos que mais cativaram o coração, o carinho e a devoção do povo cristão, foi e é, ainda hoje, Santo António, a quem os Paduanos chamam tão só *Il Santo*. O Papa Leão XIII nomeá-lo-á "*o santo de todo o mundo*". É, sobretudo, conhecido, amado e invocado pelo povo humilde, que vislumbrou nele o distribuidor dos tesouros celestiais e o protector decidido dos interesses dos pobres. A história, principalmente a mais antiga biografia, do Santo lisboeta ou paduano, conhecida pelo nome de *Assidua*, dá-nos em síntese um perfeito esboço do mesmo.

São poucas e imprecisas as informações sobre o nascimento e a infância do Santo. Não se sabe com exactidão o ano do nascimento. Poderemos colocá-lo por 1191 ou 1192. Terá vivido 39 anos (não 36 como se lê com frequência) e a sua morte terá ocorrido por 12 ou 13 de Junho de 1231. Os seus pais foram Martinho de Bulhões e Teresa Tavera. Segundo um biógrafo, nascera em Lisboa, cidade "situada nos confins da terra", numa casa que tinham seus pais junto da Sé, onde foi baptizado pelo oitavo dia, sendo-lhe dado o nome de Fernando. A sua infância, passou-a certamente no seio da família. Nela cresceu a particular devoção à Santíssima Virgem e ao Menino. Surio refere que visitava amiúde as igrejas e mosteiros da cidade, era sensível aos pobres, a quem socorria nas suas necessidades.

Para além da formação ministrada pelos pais, Fernando terá sido educado na escola catedralícia e, desse modo, iniciado nas disciplinas que integravam o habitual plano de estudos da época: gramática, retórica, música, aritmética e astronomia.

Pelos 15 anos, entrou no mosteiro de S. Vicente de Fora, da Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, nas proximidades de Lisboa. Permanecendo apenas dois anos, transferindo-se, depois, para mosteiro de Santa Cruz em Coimbra, a fim de evitar tantas visitas de parentes e amigos, que lhe perturbavam o silêncio e a sua paz. Em Coimbra, levou uma vida fervorosa, de trabalho espiritual e de estudo. Aplicou-se à filosofia, teologia e ao conhecimento mais aprofundado da Sagrada Escritura. O ambiente político-religioso de então, no mosteiro de Santa Cruz, terá molestado o Santo, que se esforçava por se dedicar exclusivamente ao estudo aliado à oração e ao progresso espiritual. Lá foi ordenado sacerdote.

Porventura, por mais de uma vez, terá desejado abraçar outro género de vida mais perfeito, mais afastado do ruído do mundo. Com frequência, encarregado da hospedaria, atendia os frades dos Olivais que vinham ao mosteiro à procura de esmolas. A vida simples dos pobrezinhos franciscanos do ermitério de Santo Antão dos Olivais, de Coimbra, terá sido o sinal irresistível. Tê-lo-á marcado para sempre o seu primeiro contacto com um grupo deles que se hospedou no mosteiro, na sua passagem por Coimbra, em direcção a África. E, depois, os seus restos mortais vindos de Marrocos para Coimbra, a fim de aí serem sepultados. A impressão que causou na alma de Fernando os despojos mortais daqueles intrépidos soldados da fé, despertaram o firme desejo de consagrar-se ao apostolado entre os "infiéis" e de morrer mártir de Cristo. Mas era-lhe impossível realizar tal sonho enquanto permanecesse em Santa Cruz, pois que o mosteiro não se dedicava às missões entre os infiéis. Só professando numa Ordem como a franciscana poderia realizar plenamente a sua vocação. Para o efeito, necessitava da autorização dos superiores de ambas as Ordens.

Um dia, segundo o costume, em que os fradinhos de Santo Antão dos Olivais vieram ao mosteiro à procura de esmola, Fernando, em segredo, confiou-lhes o seu propósito, dizendo-lhes: "*Irmãos, receberia com entusiasmo o hábito da vossa Ordem se me garantísseis enviar-me, logo, à terra de sarracenos a fim de participar da coroa dos santos mártires*". Eles deram-lhe a palavra e fixaram para a manhã seguinte a entrada na Ordem franciscana. Naquela noite, segundo o biógrafo mais autorizado, arrancou Fernando com muito custo, e à força de insistência, a licença do prior do mosteiro. Com o fim de vencer dificuldades por parte da família e alguns monges de Santa Cruz, combinou-se que Fernando mudasse o nome para António, titular do ermitério onde residiam os franciscanos, e ainda que fosse mandado quanto antes para a terra de infiéis. A cerimónia da imposição do hábito ao novo candidato terá sido rápida e simples, dadas as circunstâncias de interdito do mosteiro.

No Verão de 1220 tomava António o hábito franciscano e nos princípios de Novembro desembarcava em Marrocos. Terrível doença o reteve todo o Inverno na cama. Então, os superiores da missão julgaram conveniente repatriá-lo, como medida de convalescença. Neste propósito, embarcou. Mas um vento forte impeliu o navio para Oriente, obrigando-o a atracar nas costas da Sicília. António refugiou-se num convento franciscano perto de Messina e dali, sem qualquer incumbência oficial, foi para o Capítulo geral convocado para Assis pelo seráfico Fundador, com início em 20 de Maio de 1221.

António passou inadvertido no meio daquela multidão, de maneira que, terminado o Capítulo, ficou às ordens do Ministro geral. A seu pedido, o provincial da *Romagna* levou-o consigo. Dele obteve licença para se retirar para o ermitério de Monte Paulo a fim de se consagrar à solidão. Entretanto, não tardou que surgisse a oportunidade de se revelar ao mundo. Convidado pelo Superior, pregou um sermão em Forli, nas tēmporas de Setembro de 1221, diante de religiosos franciscanos e dominicanos que tinham sido ordenados sacerdotes. Falou de tal maneira que todos ficaram maravilhados com a sabedoria que brotava dos seus lábios. O provincial, agradavelmente surpreendido com aquela intervenção, pensou imediatamente destiná-lo ao apostolado.

O seu primeiro campo de acção apostólica foi a *Romagna*, região infestada por hereges cátaros e patarinos. António enfrentou-os com todas as suas reservas espirituais acumuladas e os seus extensos conhecimentos teológicos e bíblicos. A acção apostólica do Santo era tão eficaz que se tornou conhecido como o «*incansável martelo dos hereges*».

Passados uns anos, foi nomeado professor de teologia. S. Francisco, avisado da sabedoria e da santidade que gozava, e persuadido da grande necessidade de estudo dos seus frades, enviou-lhe a seguinte carta: "A Frei António, meu bispo, Frei Francisco, saúde em Cristo: Apraz-me que interpreteis aos demais frades a sagrada teologia, contanto que este estudo não apague neles o espírito da santa oração e devoção, segundo os princípios da regra. Adeus". Com o beneplácito do santo fundador, foi Santo António o primeiro Leitor de teologia que teve a Ordem franciscana.

Pouco durou esse magistério em Bolonha, pois as necessidades gerais da Igreja reclamaram a sua presença para combater a heresia albigense, em França. Apesar dos esforços de S. Domingos, a heresia mostrava-se cada dia mais pujante. Diante disso, o Papa convocou todos os pregadores notáveis pelo zelo, ciência e santidade de vida a uma cruzada eficaz de apostolado. Entre os escolhidos figurava Santo António.

Esta nova missão iniciou-se em Montpellier. Começou por ensinar teologia aos religiosos da sua Ordem. Depois passou a Toulouse, que alternou com o apostolado entre o povo. "Dia e noite tinha discussões com os hereges. Expunha-lhes com grande clareza o dogma católico, refutava vitoriosamente os preconceitos deles, revelando em tudo ciência admirável e força suave de persuasão que penetrava na alma dos seus adversários". De Toulouse passou para Le Puy, Bourges, Limoges e Arles. Por causa de ocupar o cargo de custódio de Limoges viu-se obrigado a assistir ao Capítulo geral convocado por frei Elias, em Assis, para 30 de Maio de 1227, no qual foi eleito ministro provincial da Romagna, cargo que desempenhou com êxito até ao ano de 1230. Por fins de 1229, mandou-o Deus a Pádua "*dos confins da Hespéria e dos países do Ocidente, isto é, das terras da Galiza, a Sevilha e Lisboa. Este, homem religioso e santo, célebre pelas suas virtudes, arca do Antigo Testamento e forma do Novo, poderoso em obras e palavras, habitou com os seus irmãos em Pádua, mas espiritualmente habitava no céu*". Por indicação do cardeal de Óstia dedicou-se à composição de sermões para todas as festividades dos principais santos e para os domingos do ano. A solidão e o retiro do convento de Arcella, junto de Pádua, convidavam ao recolhimento e ao estudo necessários para levar a termo a composição duma obra de tão vastas proporções. Também se lhe atribuem uma Exposição do Saltério e algumas outras obras.

Na Quaresma, suspendeu o estudo para dedicar-se de novo à pregação. Grande era o zelo a devorar-lhe o coração, que se propôs pregar durante os 40 dias contínuos da Quaresma, o que levou a cabo, apesar da hidropisia maligna que o afligia. O povo não se continha, lançando-se sobre ele para lhe arrancar pedaços do hábito. Para evitar este excesso, foi disposto que, findo o

sermão, António desaparecesse, ocultamente ou saísse, escoltado por um piquete de homens valentes que impedissem a aproximação.

Consumido pelo esforço e pela enfermidade, retirou-se Santo António à solidão de Arcella, em Camposampiero. A doença, que o afligia, anunciara, entretanto, o fatal desenlace. Confortado com os sacramentos, cantou a Nossa Senhora, ao mesmo tempo que fixando o olhar, num ponto luminoso, invisível para os restantes, esboçava nos lábios um sorriso beatífico. O religioso que o assistia perguntava, na intimidade, o que via. António respondia: "Vejo o meu Senhor". Depois estendeu os braços, juntou as palmas das mãos em atitude humilde e dialogou com os religiosos a reza dos salmos penitenciais. Ao terminar, entrou em profundo êxtase que durou meia hora. Voltando a si, fitou pela última vez os presentes sorrindo-lhes, e a sua alma, desligada dos laços da carne, foi absorvida nos abismos dos resplendores divinos. Era sexta-feira, dia 13 de Junho de 1231. Logo que expirou, as crianças de Pádua correram a cidade gritando: "Morreu o Santo! Morreu Santo António!"

Deus quis-lhe glorificar a sepultura operando, por sua intercessão, grande número de milagres, o que levou as autoridades eclesiásticas a pensar em canonizá-lo. Fê-lo o papa Gregório IX, quando não tinha ainda passado um ano, a contar da sua morte. O mesmo Gregório IX concedeu-lhe então a Missa de doutor, que ininterruptamente foi celebrada na sua festa.

Pio XII fez-se intérprete da tradição de séculos quando no dia 16 de Janeiro de 1946 o proclamou doutor da Igreja, atribuindo-lhe o título de *Doutor Evangélico*, por meio da Carta Apostólica que principia com o seguinte elogio: "*Alegra-te, feliz Lusitânia; rejubila, Pádua ditosa, pois gerastes para a terra e para o céu um varão que bem pode comparar-se com um astro rutilante, já que brilhando, não só pela santidade de vida e gloriosa fama de milagres, mas também pelo esplendor que por todas as partes derrama a sua celestial doutrina, alumiou e ainda continua alumando o mundo inteiro com luz fulgidíssima*".

Ocorrendo em 1981 os 750 anos a partir da morte de Santo António, foi aberto no mês de Janeiro o seu túmulo. Apareceu o esqueleto sem carne mas muito bem conservado, faltando-lhe apenas o antebraço esquerdo e o maxilar inferior, que em séculos passados lhe foram tirados para relíquias. Da análise do esqueleto, levada a cabo pelos métodos mais modernos, concluiu-se que o Santo não viveu só 36 anos, como até agora se pensava, mas 39 e nove meses, tinha de altura 1,68 m, era de perfil nobre, de corpo pouco robusto, a saliência nos ossos dos joelhos mostra que devia passar longas horas a rezar ajoelhado, o desenvolvimento dos ossos das pernas era sinal de ter andado muito.

### **Algumas legendas e outras curiosidades**

Santo António é sem dúvida o "Santo dos Milagres". Muitos deles são réplicas, a partir de um fundo comum, muito típicas da hagiografia medieval. Mas, de facto, é incomum, a ponto de lhe valerem a fama de santidade imposta pelo povo e, em menos de um ano a sua canonização. É conhecido em Itália como *Il Taumaturgo*.

Um judeu chamado Guillard negava a presença real de Cristo na Eucaristia. Prometeu acreditar se uma mula, como a de Balaão, diante de uma hóstia e de uma ração de aveia fosse capaz de distinguir e adorar o santíssimo sacramento. Com seus pedidos e orações, o santo obteve a genuflexão da mula diante do santíssimo sacramento e o judeu converteu-se.

Um marido que presumia da infidelidade da mulher, não queria aceitar, como filho, um recém-nascido que suspeitava nascido de uma relação adúltera. O Santo tomou o bebé nos braços e intimou-o a dizer o nome do pai. O bebé tomou a palavra e respondeu como se fosse uma criança de dez anos: «O meu pai é este».

Um jovem de Pádua confessou ter dado, encolerizado, um pontapé na sua mãe. O santo respondeu: «pé que golpeia pai ou mãe deveria ser cortado». Imediatamente, o jovem cortou o pé. O santo, comovido pelo seu arrependimento, o curou com o sinal da cruz.

Em Rímini encontrou forte oposição, a ponto de impedirem o povo de assistir aos sermões. Certa vez, perante a apatia do povo para escutar a palavra de Deus, foi á costa do Adriático e começou a pregar aos peixes, dizendo: "Ouvi a palavra de Deus, vós peixes do mar e do rio, já que não a querem escutar os infieis hereges". Falando ele assim, acudiram cardumes de peixes, mostrando as cabeças fora da água, em atitude de quem escuta. Este acontecimento maravilhoso deu brado na cidade e os hereges dispersaram-se confundidos. Este milagre é citado por diversos

autores e foi objecto de um sermão do Padre António Vieira, considerado uma das obras-primas da literatura portuguesa.

Santo António livra o pai da forca. Tinha havido um crime em Portugal. As suspeitas do crime recaíam sobre o pai do santo. No dia do julgamento, os juizes reunidos, preparavam-se para proferir a sentença condenatória do pai. Não podendo defender-se, o pai sentia-se angustiado. Nesse momento, o Santo pregava um sermão numa igreja de Itália. Em dado momento, interrompeu o sermão e ficou imóvel, como se estivesse dormindo em pé. Nesse mesmo tempo, foi visto no tribunal, em Portugal, conversando com os juizes. Entre outras coisas, disse-lhes o santo: «Porque tanta precipitação? Posso provar a inocência do meu pai. Venham comigo até o cemitério». Aceitaram o convite. Frei António mandou abrir a cova do homem assassinado e perguntou ao defunto: "Meu irmão, diz agora, perante todos, se foi meu pai quem te matou". Para espanto de todos, o defunto abriu a boca e disse devagar, como se medisse as palavras: "Não foi Martinho quem me matou". E tornou a calar-se. Estava provada de maneira milagrosa a inocência do seu pai, com dois milagres: a bilocação e o poder de reanimar os mortos.

Estando o Santo em casa do conde Tiso, em Camposampiero, recolhido num quarto em oração, o conde, por curiosidade, espreitou pelas frinchas de uma porta e observou a Virgem Maria a confiar o Menino Jesus aos braços de Santo António. O menino, com os bracinhos enlaçados ao redor do pescoço do frade, conversava amigavelmente, arrebatando-o em doce contemplação. Sentindo-se observado, fez conde Tiso jurar que só contaria o que viu após a sua morte.

Conta-se que, um dia, o Frade descobriu que um noviço havia fugido do mosteiro e levado com ele seus comentários sobre o Livro dos Salmos. Ele, então, rezou para que ambos regressassem, os seus papéis e o noviço. Em pouco tempo, o jovem arrependido voltou para a vida religiosa, acompanhado dos manuscritos.

O seu pai, Martinho, gostava de ir a uma fazenda que possuía nos arredores de Lisboa. Um dia, levou o filho. Um bando de pássaros insaciáveis tinha o mau costume de comer os grãos do trigo. Então, encarregou o filho de espantar os pardais. A tarefa não era fácil para uma criança sozinha e o miúdo já sentia o cansaço de tanto correr. Não muito longe, avistou uma capelinha rústica que o convidava à oração. O filho sentiu-se atraído, mas não queria desobedecer. Gritou, então aos pássaros, e convidou-os a segui-lo para dentro de uma sala da fazenda. Obedientes os pássaros entraram. Quando todos estavam dentro, fechou as janelas e as portas, e foi tranquilamente fazer sua visita ao Senhor. De regresso, o pai veio procurá-lo. Andou pelo campo, de cá para lá, mas não encontrou ninguém. Preocupado, dirigiu-se à capela e, finalmente, descobriu-o absorto na oração. Tomando as mãos do pai, conduziu-o ao salão repleto de pássaros que esvoaçavam e chilreavam. Abrindo a porta, a um sinal seu, os pássaros, em bando, saíram em liberdade.

Muitos episódios preencheram o ambiente fantástico dos devotos de St. António e tornaram-se motivos representados pela arte ocidental.

### **Culto**

O culto popular ao santo começou em vida. O culto oficial da Igreja, em menos de um ano, depois de morte, por decreto do Papa Gregório IX, com festa, no dia do seu nascimento para a vida eterna, 13 de Junho. Até meados do séc. XV o culto manteve-se circunscrito a Pádua que em sua honra edificou uma preciosa basílica. A partir do séc. XVI, o culto antoniano estendeu-se a Portugal que o difundiu pelo mundo. Era invocado pelos marinheiros, para obter bons ventos, e tido como protector dos náufragos e dos cativos. No séc. XVII, também advogado de objectos perdidos, extraviados ou esquecidos. Patrono dos fabricantes de porcelana. O povo acabou por o confundir com Santo Antão (António), atribuindo-lhe as comuns e semelhantes aptidões tutelares.

O Culto ao Santo foi levado pelos portugueses para o Brasil, África e Oriente. Ainda hoje podemos surpreender-nos por encontrar esse Culto em lugares insuspeitados como Jerusalém, Singapura, Istambul, Lac-Sebaste, Asmara ou Karachi, transfigurando-se em expressões "*negro, hindu ou afro-brasileiro*". Por isso, a prolixa representação do Santo é a melhor manifestação de inculturação e diálogo cultural promovida pelo Evangelho e dificilmente redutível a um esquema iconográfico.

Santo António não perdeu actualidade e a sua memória é evocada constantemente pelo

povo cristão, que vê nele o santo que ressuscita os mortos, que sara as enfermidades, que foi dotado com o dom de bilocação, que falou aos peixes, que converteu os hereges, que alivia o bolso dos ricos em proveito dos pobres necessitados, que assegura e multiplica as provisões, que suaviza os obstáculos que dificultam contraírem-se matrimónios, que encontra as coisas perdidas e que amigavelmente conversa com o Menino Jesus. A experiência quotidiana ensina que Santo António não desilude nunca a esperança dos devotos, confiados no seu valimento diante do trono do Altíssimo.

Em 1934 foi declarado padroeiro de Portugal, como já era considerado há muito. Com permanente presença honrosa na literatura e arte popular portuguesa, Santo António foi sempre o patrono dos seus portugueses que, não tanto no título de igrejas paroquiais, mas em muitíssimas capelas e altares, o veneraram sempre com a fé das suas preces e o esplendor dos seus festejos. Na oratória portuguesa prestou-lhe grande homenagem o P. António Vieira, em nove dos seus geniais sermões, nomeadamente o mais célebre Sermão de Santo António aos peixes. Nem faltaram também a honrá-lo igualmente a escultura, a pintura, a poesia, a música e o típico folclore português.

Costuma-se-lhe rezar o seguinte responso em verso:

Se milagres desejas  
Recorrei a Santo António;  
Vereis fugir o demónio  
E as tentações infernais.

Pela sua intercessão  
Foge a peste, o erro, a morte;  
O fraco torna-se forte  
E torna-se o enfermo são.

*Recupera-se o perdido  
Rompe-se a dura prisão;  
E, no auge do furacão,  
Cede o mar embravecido.*

Todos os males humanos  
Se moderam, se retiram;  
Digam-no os que viram;  
Digam-no os Paduanos.

### **A arte e Santo António**

A criação artística, já no século XIII, com Torriti representa o Santo português através de mosaicos que se encontram nas Igrejas de São João de Latrão e de Santa Maria Maior, em Roma. Em 1359, João de Milão representa Santo António, em Florença, na sacristia da Igreja de Santa Croce. No final do mesmo século Agnolo Gaddi pintou o Santo português em afresco. Benozzo Gozzoli imortalizou o Santo, na Igreja de Santa Maria de Aracoeli, em Roma. Representou-o já com um aspecto idoso carregando um livro e com o coração nas mãos. A mudança que se verificou, na segunda metade do século, transformou Santo António num homem jovem acompanhado do lírio, o atributo deste Santo. A evolução artística da representação de Santo António atingiu, em finais de Quatrocentos, padrões iconográficos que iriam manifestar-se em Murillo e em Rubens. A Iconografia Antoniana, em Portugal, é representada pelos Mestre da Lourinhã, Frei Carlos, Garcia Fernandes e Vasco Fernandes, Tríptico "Cristo deposto da Cruz", Livro de Horas de D. Manuel, no Fólio 276 e 293 V. Os atributos de Santo António, (que normalmente é apresentado com um Livro numa mão e o Menino Jesus na outra), são variadíssimos: a flor-de-lis, o Crucifixo colorido, os peixes a escutar os seus Sermões, o burro ajoelhado perante a Hóstia, as próprias chamas, por confusão com Santo Antão. Todos eles são assinaláveis, pois reflectem o papel que Santo António desempenhou na Cultura Europeia. O Culto de Santo António, embora ligado a Pádua, e expresso na Basílica que lhe foi erigida, não se lhe reduz.

No século XIII Santo António já era patrono de cerca de quarenta Igrejas em Portugal. Não se sabe exactamente quando o culto foi divulgado no nosso país. Segundo a tradição, quando Gregório IX, no dia 30 de Maio de 1232, em Espoleto, procedia à canonização de Santo António, os sinos tocavam à mesma hora em Lisboa, sendo isso considerado como um sinal sobrenatural. O povo tomou para si este Santo, que se tornou, no século XVI, o Santo Nacional dos Portugueses, mas moldou-o às suas próprias necessidades. Aparece nos altares das Igrejas com diversos atributos: protector da cidade, das casas e das famílias, advogado das almas do purgatório, advogado dos bons casamentos, protector dos animais, milagreiro, advogado dos objectos perdidos, ajudante dos que combatem, curador dos doentes, protector dos náufragos, aquele que livra os homens das tentações demoníacas.

Não faltam lugares e quintas com o seu nome, de tal forma que em cidades e vilas de Portugal, leitarias, farmácias, drogarias e tascas foram colocadas sob a protecção de Santo António, com vista aos bons negócios. A devoção chegou mesmo aos artistas populares. A própria toponímia do País está recheada com o seu nome.

### **É o patrono de 3 paróquias na diocese do Porto**

#### **Iconografia**

Apesar do que nos lega a tradição não existe retrato autêntico de Santo António. É de supor que as representações são míticas e obedecem a cânones e clichés. De estatura pequena e corpulento, cabeça redonda e ventre avançado, segundo se presume, os artistas estabeleceram o modelo de S. Francisco. É representado com o hábito franciscano, com cordão na cintura.

Os atributos numerosos, na maioria tardias, representam os seus milagres e outros que lhe são atribuídos, comuns à hagiografia.

As chamas que brotam das mãos (típico de Sto. Antão) ou o coração incendiado (de Sto Agostinho). O lírio que ilustra o próprio nome António (anthos = flor), desenvolvido na pregação de S. Bernardino de Sena. Atributo que tem origem no séc. XV. O Menino Jesus, sentado ou de pé num livro, que se tornou o atributo mais popular, a partir do séc. XVI. E ainda, o crucifixo florido, os peixes que escutam o sermão, a mula de joelhos diante da hóstia e a árvore.

Flos Sanctorum, Ribadeneyra, etc.

Tradução e Organização MA